

Um papo de aranha sobre textos e leituras: a escola brasileira ensina a ‘língua da intertextualidade’?

Regina Chamlian (USP)

Resumo:

Considerando-se que a ‘intertextualidade’, em seu sentido amplo, é o que garante a legibilidade de qualquer texto, seja verbal ou não-verbal, narrativo ou não, e que ela seria “a soma de textos existentes”, caracterizando-se por um novo modo de leitura que os levaria em consideração, (o que, sem dúvida, proporciona ao leitor ampliação do espaço semântico e conseqüente enriquecimento cultural), este trabalho interroga se a escola brasileira ensina a “língua da intertextualidade” e de que maneira isso seria possível, em nosso contexto.

No intuito de pensar essa questão, busca-se, inicialmente, definir alguns conceitos como ‘texto’, ‘leitura’, ‘leitor’, ‘mediador de leituras’ e ‘intertextualidade’, para em seguida inventariar as “pedras no caminho” à formação de leitores críticos e criativos e de uma noção assim generosa de ‘leitura’ em nossa sociedade.

Palavras-chave: intertextualidade, leitura, escola, sociedade

A intertextualidade fala uma língua cujo vocabulário é a soma de textos existentes, sendo caracterizada pela introdução de um novo modo de leitura “que faz estalar a linearidade do texto.

Introdução

No intuito de, senão responder, pelo menos ensaiar algumas possíveis respostas à pergunta-título deste trabalho, julgo necessário primeiro definir brevemente, através da bibliografia consultada ou de uma compreensão própria do tema, certos conceitos como ‘texto’, ‘leitura’, ‘leitor’, ‘mediador de leituras’ e ‘intertextualidade’.

Buscando definições

- **Texto**

O nosso mais famoso dicionário define ‘texto’ como “conjunto de palavras, de frases escritas”, ou “obra escrita...”, ou “qualquer texto a ser dito ou lido em voz alta”, ou “toda e qualquer expressão, ou conjunto de expressões, que a escrita fixou”, como ainda (em sentido restrito) “palavras bíblicas que o orador sacro cita, fazendo-as tema de sermão”, e também “manuscrito ou impresso (por oposição a ilustração)”. ‘Fora do texto’, nos explica o verbete, seria “qualquer material ilustrativo impresso à parte, ger. em papel especial e em folhas não numeradas ou com numeração própria, que se intercalam entre os cadernos de um livro” (Dicionário Aurélio século XXI).

Destaque-se a orientação completa e conclusivamente verbal, logocêntrica, que o citado dicionário confere ao conceito, que embora inclua o texto falado, exclui o texto visual, e ainda tem uma conotação de ‘sagrado’.

Não muito diferente da orientação do dicionário acima citado é o que lemos a seguir:

...texto é o produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo e acabado, qualquer que seja sua extensão. É uma seqüência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência. Esse conjunto de relações tem sido chamado de textualidade. Dessa

forma, um texto só é um texto quando pode ser compreendido como unidade significativa global, quando possui textualidade. Caso contrário, não passa de um amontoado aleatório de enunciados. (Parâmetros Curriculares Nacionais – p. 25-26)

A noção contemporânea de texto, no entanto, não se restringe à sua configuração verbal. Segundo Barthes:

Texto quer dizer Tecido; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora no tecido a idéia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolve ela mesma nas secreções construtivas de sua teia. (Cardoso-Silva, 2006, p. 19)

O ‘inacabamento’ e o ‘ir se entrelaçando perpetuamente’ do texto na definição do crítico francês já prefiguram a idéia de ‘intertextualidade’ e de ‘rede cultural’, presentes, a primeira nos estudos literários em geral e a segunda na Semiótica da Cultura, entre outras correntes.

Laurent Jenny credita à Julia Kristeva o alargamento da noção de texto, que seria sinônimo de ‘sistema de signos’, “quer se trate de obras literárias, de linguagens orais, de sistemas simbólicos sociais ou inconscientes” (JENNY, 1979, p. 13).

Com o conceito assim redimensionado à compreensão e práticas contemporâneas, podemos dizer que são textos (assim, no plural), os poemas, os espetáculos de dança, as peças teatrais, filmes, pinturas, o traçado das cidades (urbanismo), música, moda, romances, histórias em quadrinhos, livros de imagem, ilustrações, programas de rádio e televisão, notícia de jornal, páginas da Internet, performances, relatos orais, fotografias...

- **Leitura**

No Dicionário Aurélio Eletrônico, para ficarmos só com a primeira acepção, ‘leitura’ é o “ato ou efeito de ler”. E, para o mesmo dicionário, ‘ler’ não só seria “percorrer com a vista (o que está escrito) proferindo ou não as palavras, mas conhecendo-as”, “pronunciar em voz alta; recitar (o que está escrito)” e “ver e estudar (coisa escrita)” como também “perceber (sinais, signos, mensagem) com a vista ou com o tato, compreendendo-lhes o significado”, “observar (algo, ou certos sinais, características, etc.), percebendo, intuindo ou deduzindo a significação”, “decifrar ou interpretar o sentido de”, “reconhecer, perceber, sentir”, “adivinhar, predizer dessa maneira”. (Dicionário Aurélio século XXI)

Se somarmos as diversas acepções do verbete, creio que nos aproximaríamos de uma compreensão inicial de ‘leitura’.

Entre as diversas acepções mencionadas acima, destaco a que nos diz que ler é “adivinhar, predizer dessa maneira”. Ela nos leva ao texto onde Paulo Freire nos diz “que a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2006, p. 11).

Da frase de Paulo Freire se depreendem pelo menos duas idéias centrais para a compreensão de questões relativas à leitura: 1) a necessidade de conhecimentos prévios para se efetuar leituras (penso que só assim “adivinharíamos”, porque tivemos antes experiências que agora podem orientar nossa intuição); 2) a capacidade leitora ser inerente à condição humana, que se lançaria em busca pelo significado, mesmo antes de ser letrada – o que ampliaria a noção de leitor, leitura e texto, incluindo idéias e práticas anteriormente não consideradas como leitoras.

Segundo Maria Helena Martins, as inúmeras concepções sobre leitura resumem-se a duas posições:

1) como decodificação mecânica de signos lingüísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta... ; 2) como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica). ...esta última concepção dá condições de uma abordagem mais ampla e mesmo mais aprofundada do assunto. ...mas... ...o debate “decodificação versus compreensão” parece estar se esvaziando. Ambas são necessárias à leitura. Decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível. Há que se pensar a questão dialeticamente.”(MARTINS, 1994, p. 31-32)

Convém citar aqui que a autora acima mencionada considera ‘leitura’ “como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem” (MARTINS, 1994, p. 30), o que, sem dúvida, condiz com a noção ampliada de texto que aqui nos interessa.

Voltando, no entanto, à questão da necessidade de conhecimentos prévios para se efetuar a leitura, hoje se sabe que ensinar ‘leitura’ (e aqui falamos da leitura do texto verbal) significa não só iniciar os aprendizes no código lingüístico, mas também e principalmente e mesmo até anteriormente levar em conta os conhecimentos que eles já trazem de sua vivência extra-escolar, o que incluiria aqueles que são específicos de seu contexto sócio-cultural, os textos que eles já dominam ou têm contato mais freqüente como os da oralidade, os da linguagem visual, os da linguagem musical, os da linguagem corporal, os da televisão, (que parece ser, em nosso país, a ‘língua geral’), e de outras linguagens as quais porventura eles tenham acesso. A partir dessa diversidade textual que circularia fora da escola e que os alunos trazem consigo, ou dizendo de outro modo, a partir destes seus conhecimentos prévios, se estabeleceriam pontes com os textos que nela circulam, tornando a leitura algo a que se tem acesso porque menos distanciada do universo destes alunos, e menos artificial, notadamente às camadas oriundas de meios com baixo letramento.

Entender a leitura como um

...processo, no qual o leitor participa com uma aptidão que não depende basicamente de sua capacidade de decifrar sinais, mas sim de sua capacidade de dar sentido a eles, compreendê-los. Mesmo em se tratando da escrita, o procedimento está mais ligado à experiência pessoal, à vivência de cada um, do que ao conhecimento sistemático da língua. A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. (MARTINS, 1994, pág. 32),

parece ser o modo de, senão formar, pelo menos atrair potenciais leitores.

- **Leitor**

O leitor não é uma instância de recepção passiva dos textos, mas interage com eles produtivamente. “A obra precisa, em sua constituição, da participação do destinatário”. (JOUVE, 2002, p. 61)

Para Jauss, o leitor se relaciona com o texto sempre, e ao mesmo tempo, receptiva e ativamente. O leitor “só pode ‘fazer falar’ um texto, isto é, concretizar numa significação atual o sentido potencial da obra,

desde que insira seu pré-entendimento do mundo e da vida no espaço de referência literária envolvido pelo texto. Esse pré-entendimento do leitor inclui as expectativas concretas que correspondem ao horizonte de seus interesses, desejos, necessidades e experiências tais quais são determinadas pela sociedade e classe à qual pertence como também por sua história individual”, e, também, por experiências literárias anteriores (JOUVE, 2002, p. 139).

Se “ler é buscar significado” (CARDOSO-SILVA, 2006, p. 30), o leitor é um buscador. E, aquele que busca, se movimenta, investiga, se esforça, trata de descobrir, se empenha a fundo, aciona todo o seu íntimo para atingir um fim, tentando superar as muitas dificuldades que o buscar pressupõe.

Tamanho investimento psíquico só pode acontecer quando motivado por um profundo desejo, por um continuado entusiasmo, por uma viva paixão.

Porque o ato de ler, o ser leitor, é impulsionado pelo desejo, pelo entusiasmo, pela paixão.

Desejo de saber. Desejo de viver intensamente. De conhecer a si mesmo. De conhecer o outro. De se sentir um outro. De dar prazer ao cérebro. De sentir emoções. De compreender, de se inserir na sociedade de forma autêntica. De criticar a sociedade. De escapar de uma vida medíocre e pré-determinada por ideologias espúrias. De experimentar a beleza.

Para se formar leitores, é necessário transmitir, então, o desejo, o entusiasmo, a paixão pela leitura. Este papel é desempenhado, na maioria dos casos dessa transmissão bem-sucedida, pelo mediador de leituras.

- **O mediador de leituras**

Mediador de leituras seria, antes de tudo, alguém que goste de ler e que leia muito, e tenha interesse em compartilhar suas experiências leitoras, seu repertório cultural.

Qualquer um que se encaixe no perfil acima poderia ser este mediador: um tio, uma vizinha, uma mãe, um avô, uma amiga, um bibliotecário...

No entanto, levando-se em conta a situação sócio-econômica dominante no Brasil, a escola é, para a maioria das pessoas, a única oportunidade de uma inserção, ainda que mínima, na cultura letrada.

Devido a estas circunstâncias, mediador de leituras, efetivamente, em nosso país, é o professor.

Cabe lembrar, pelo exposto até aqui, a necessidade deste mediador levar em conta os conhecimentos prévios de seus alunos. Misto de leitor apaixonado, pesquisador e agitador cultural, sua função seria

...não...precisamente de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisas, idéias, situações reais ou imaginárias.

Enquanto permanecermos isolados na cultura letrada, não poderemos encarar a leitura senão como instrumento de poder, dominação dos que sabem ler e escrever sobre os analfabetos ou iletrados. (MARTINS, 1994, p. 34-35).

Este mediador de leituras ‘ideal’, (que, por falar nisso, existiria numa escola também ideal) seria aquele que, além de acolher os ‘objetos culturais’ trazidos à escola pelos próprios alunos (seus relatos orais, inquietações, conhecimentos e obras), se investisse de espírito pesquisador, inquieto e independente, não se restringindo, ao selecionar textos de qualquer natureza para a atividade de leitura, quer ao “cânone”, quer apenas a seu gosto pessoal ou ao de seus alunos, mas somando todas estas possibilidades, dialeticamente.

Tal mediador, que, antes de tudo, como anteriormente dissemos, é alguém que gosta muito de ler e lê grande diversidade de textos (livros, quadros, filmes, peças teatrais, poesia, fotos, canções..),

por sua própria prática leitora, consistente e inquieta, teria condições de ensinar a ‘língua da intertextualidade’.

- **Intertextualidade**

A noção de intertextualidade diz respeito ao conjunto de relações que os textos mantêm entre si. A intertextualidade “envia tanto a uma propriedade constitutiva de todo texto, como ao conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto mantém com outros textos.” (MAINGUENEAU, 1998). Por conseguinte, deve ser entendida em sentido amplo e num sentido estrito:

Em sentido amplo, a intertextualidade está presente, de modo implícito, em todo e qualquer texto, pois, na verdade, o processo discursivo se estabelece sempre sobre um discurso prévio. No dizer de Maingueneau, retomando Gerard Genette, todo texto (hipertexto) está implantado pela marca de seu gênero. Já em sentido estrito, a intertextualidade pode dar-se explicitamente – através de citações, referências, resenhas, paráfrases – ou implicitamente – através de certos operadores lingüísticos que permitem uma identificação sócio-historicamente situada (CARDOSO-SILVA, 2006, p. 50).

A intertextualidade no sentido amplo é o que garantiria a própria legibilidade dos textos. Porque já li poemas anteriormente, reconheço um poema quando me vejo diante de um e leio-o como se lê um poema, e não como leria, por exemplo, um manual de instruções para instalar uma impressora num computador, um livro de receitas culinárias, a coluna de horóscopos de uma revista ou um romance policial. Cada um desses tipos de texto se organiza mais ou menos conforme o seu gênero, o que acaba por orientar-lhes sua configuração e também a nossa compreensão.

Já no sentido estrito diz respeito às relações, sejam elas explícitas ou implícitas, como vimos nas citações acima, que os textos mantêm com outros textos de qualquer natureza, e que permitiriam sua identificação.

Tanto num caso como no outro, para se poder exercer a leitura intertextual, percebe-se a necessidade de leituras anteriores, e de leitura constante.

A intertextualidade

diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um texto dependente do conhecimento de um ou mais textos previamente existentes, compreendendo as diversas maneiras pelas quais a produção e a recepção de dado texto depende do conhecimento de outros textos” (CARDOSO-SILVA, 2006, p. 48).

A leitura intertextual, por conseguinte, pressupõe um leitor familiarizado com uma grande diversidade de textos.

Como diz Laurent Jenny:

A intertextualidade introduz um novo modo de leitura que solapa a linearidade do texto. Cada referência textual é o lugar que oferece uma alternativa: seguir a leitura encarando-a como um fragmento qualquer que faz parte da sintagmática do texto ou, então, voltar ao texto de origem, operando uma espécie de anamnésia, isto é, uma invocação voluntária do passado, em que a referência intertextual aparece como elemento paradigmático “deslocado” e provindo de uma sintagmática esquecida. Esses dois processos operando simultaneamente semeiam o texto com bifurcações que ampliam o seu espaço semântico. (NITRINI, 1997:164-165).

Para que ocorra esta ‘ampliação do espaço semântico’, este enriquecimento cultural, proporcionado pela leitura intertextual, a escola, – que, como vimos anteriormente é, para a maioria, o único local onde seria possível se ter contato com uma grande diversidade de textos, – deveria ser um espaço de ação cultural intensa, local de acesso a livros, a filmes, a obras de arte das mais diversas linguagens, local de discussão das obras, local onde a expressão dos alunos é respeitada e estimulada, local não apenas aonde se chega, mas de onde se parte. Mas, para que tal ocorra seria necessário remover as pedras do meio do caminho.

- **As pedras do meio do caminho**

Como se sabe, um dos objetivos mais importantes, senão de todas, pelo menos de grande parte das escolas particulares brasileiras, é o ‘treinamento’ de crianças e jovens para o competitivo mercado de trabalho, tendo como alvos desse investimento o vestibular e, conseqüentemente, a futura faculdade que prometa uma colocação profissional rendosa .

A escola pública, em sua grande maioria, ainda se pauta por motivações alheias aos verdadeiros interesses de seus usuários.

Sendo assim, não é de se estranhar a pouca importância que se dá, nestas instituições, à formação de leitores permanentes, críticos, reflexivos, intertextuais e criativos, afeitos às questões culturais de grande alcance.

Certamente, no entanto, a escola que temos não nasce por ‘geração espontânea’, ela é uma construção social. Imputar-lhe todo o ônus do processo pode ser confortável, mas inoperante. Instituição da sociedade, ela é seu retrato fiel.

Seria necessário, para falar de promoção de leitura em nossa sociedade, pensar a relação que esta mantém com o conhecimento como um todo.

Como escreveu Edmir Perrotti:

Separar a promoção da leitura dos processos gerais do saber, como se os caminhos pudessem não se cruzar, como se leitura e conhecimento não fizessem parte de um mesmo quadro global de operações simbólicas, de uma mesma trama de sentidos, corresponde a uma visão compartimentada... da cultura que, parece, não conseguirá ir muito longe enquanto fonte inspiradora de práticas promocionais.... ...qualquer tentativa de mudança nos rumos atuais deve... perguntar em que medida o conhecimento, o desejo de saber, de descobrir é valorizado nas instituições de educação e cultura e na sociedade. ... (e) entendido como desafio capaz de arrebatar o espírito, conduzindo, naturalmente, crianças e jovens à pesquisa, ao conhecimento, logo, à leitura? (PERROTTI, 1990, p. 74)

Faz-se necessário, como continua o prof. Perrotti, a discussão aprofundada dessas questões, para que não só se altere a representação social da leitura como se questione o descaso e a desconfiança com que se tratam, em nossa sociedade, o conhecimento, o desejo de saber. (PERROTTI, 1990, p. 74)

Conclusão

Se, conforme se lê na epígrafe deste trabalho, “a intertextualidade fala uma língua cujo vocabulário é a soma de textos existentes”, ensinar a língua da intertextualidade pressupõe, como vimos até aqui, o convívio intenso com grande variedade de textos de natureza variada.

Conforme dissemos anteriormente, o local privilegiado para a prática desse convívio é a escola, e o grande personagem desta aventura é o professor, transformado aqui em mediador de leituras.

O mediador de leituras ideal, como já mencionado, seria aquele que lê muito e variadamente, tendo por isso condições de relacionar textos entre si e de fazê-los falar aos novos leitores.

Seria aquele também capaz de acolher e respeitar o conhecimento prévio de seus alunos, e de não só discutir como garantir e promover espaços de discussão das variadas leituras dos textos do mundo que seus alunos realizam.

Esse mediador, por sua vez, só poderia existir numa escola que se concebesse como espaço de ação cultural intensa. O que, vale dizer, só poderia existir numa escola inserida numa sociedade que valorizasse o conhecimento.

Não que não existam professores ou mediadores de leitura trabalhando com propósitos elevados em ambientes adversos, como é a nossa sociedade. Mas, nesta como em outras questões, uma andorinha só não faz verão: ela se sai melhor voando em rede.

Por outro lado, uma escola que se compreendesse como um autêntico centro de cultura, como o local privilegiado de ação cultural intensa, com objetivos para além de um pragmatismo redutor, reeducaria, transformaria a sociedade.

E é com uma escola assim que alguns de nós, muitos de nós, sonhamos.

Referências Bibliográficas

- [1] CARDOSO-SILVA, Emanuel. *Prática de leitura: sentido e intertextualidade*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- [2] FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio século XXI*. Versão 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lexicon, 1999. CD-ROM.
- [3] FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2006.
- [4] JENNY, Laurent. A estratégia da forma. In: *Intertextualidades – Poétique n° 27*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.
- [5] JOUVE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- [6] MAINGUENEAU, D. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- [7] MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- [8] NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- [9] Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.
- [10] PERROTTI, Edmir. *Confinamento cultural, infância e leitura*. São Paulo: Summus editorial, 1990.

XI Congresso Internacional da ABRALIC
Tessituras, Interações, Convergências

13 a 17 de julho de 2008
USP – São Paulo, Brasil

Autora

Luci Regina CHAMLIAN, Mestranda

nome em citações bibliográficas Regina CHAMLIAN

Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH- USP)

Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa

reginacham@bol.com.br